

## NARRATIVAS DA CONQUISTA DA AMAZÔNIA: TRANSA-AMAZÔNICA E A ENTRADA NO VALE DA PROMISSÃO

### NARRATIVES OF THE CONQUEST OF THE AMAZON: *A TRANSA-AMAZÔNICA* AND THE ENTRANCE INTO THE VALLEY OF THE PROMISE

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e16846

José Valtemir Ferreira da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo oportuniza uma reflexão acerca da obra literária *A Transa-Amazônica* de Odette de Barros Mott (1973), que tem como temática a construção e a colonização da rodovia Transamazônica. O objetivo é demonstrar a sua vinculação a uma narrativa presente em projetos estatais na Amazônia no século XX. Para sua consecução, nos termos de Benjamin (2009), foi importante seguir os “resíduos” da história. Assim, realizou-se um estudo a partir de fontes bibliográficas e documentais. Na discussão, observou-se a associação do enredo a elementos concernentes a um discurso de conquista da Amazônia, como analogia ao mito da terra prometida.

**Palavras-chave:** Transamazônica; Literatura; Narrativas da Conquista; Terra Prometida.

**Abstract:** The article provides an opportunity for a reflection on the literary work *A Transa-Amazônica* by Odette de Barros Mott (1973), whose theme is the construction and colonization of the Trans-Amazonian highway. The objective is to demonstrate its link to a narrative present in state projects in the Amazon in the twentieth century. Thus, a study was carried out from bibliographic and documentary sources. In the discussion, it was observed the association of the plot with elements concerning a discourse of conquest of the Amazon, as an analogy to the myth of the promised land.

**Keywords:** Trans-Amazonian; Literature; Narratives of Conquest; Promised Land.

### Introdução

Em junho de 1970, repercutia-se, em âmbito nacional, a notícia da construção da rodovia Transamazônica (BR-230), uma grande estrada<sup>2</sup> que iria atravessar a Amazônia brasileira. Anunciada pelo general-presidente Emílio Garrastazu Médici, no âmbito do Programa de Integração Nacional (PIN)<sup>3</sup>, a estrada logo figurou nos discursos e nas propagandas oficiais,

<sup>1</sup> Doutor em Letras/Estudos Literários (PPGL/UFPA); Técnico Administrativo no Campus Universitário de Altamira da Universidade Federal do Pará (UFPA); líder do Grupo de Pesquisa CONFLUÊNCIAS - Diálogos entre Literatura, História e Memórias. E-mail: valtemir@ufpa.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2351-6037>.

<sup>2</sup> A rodovia, consoante o seu panorama atual, estende-se da cidade de Cabedelo no estado da Paraíba, situada na região metropolitana de João Pessoa, a Lábrea no Amazonas.

<sup>3</sup> Aprovado durante a reunião ministerial de 15 de junho de 1970 e regulamentado por meio do decreto nº 1.106, de 16 de junho de 1970, com execução prevista para o quadriênio de 1970–1974.

como grande ícone do momento único da história nacional protagonizado pela ditadura civil-militar instaurada.

Não obstante outras incursões estatais, que em momentos anteriores adentraram a região e, igualmente, difundiam a recorrente ideia de uma conquista, o megaempreendimento trazia consigo a promessa da posse da Amazônia brasileira que, consoante a esse discurso, permanecia desmembrada do território nacional e com suas riquezas inexploradas.

As atenções da sociedade voltavam-se à construção da propagada maior obra do século e, como preconizava a ditadura, protagonizada pelo grande líder Médici. Tal perspectiva continuava com o avançar das obras, em que a grande aventura nacional, para utilizar os termos de Menezes (2007), era narrada pela propaganda oficial e reiterada nas páginas dos principais jornais de circulação do país, despertando interesses de todos os tipos e conduzindo o sonho de milhares de pessoas que vinham para Amazônia.

Não à toa, em uma breve pesquisa sobre o tema, pode-se ver um vasto material de fontes bibliográficas, documentais, audiovisuais que se remetem à rodovia durante os anos em que perdurou as obras de construção, e outras tantas que buscaram, de algum modo, problematizá-la nas décadas subsequentes.

Assim, é no meio dessas fontes, que se chama a atenção para a literatura como base para propor uma discussão acerca desse megaempreendimento. Isso porque dentro deste vasto material, há um conjunto de obras literárias que trazem como tema, espaço e tempo nas demandas da construção e colonização da rodovia Transamazônica na Amazônia brasileira na primeira metade da década de 1970.

Ao resolver discutir essas obras, surgem, preliminarmente, algumas questões, visto a inerência entre literatura e as ocorrências de um evento histórico que excede os limites da década de 1970. Essas questões são ampliadas, ao inseri-las no contexto dos discursos e narrativas que em diferentes momentos tematizaram, ao longo do século XX, a exploração e a posse da Amazônia brasileira.

Nesse sentido, a proposta deste texto é analisar uma destas obras, qual seja: *A Transamazônica* de Odette de Barros Mott (1973), com o objetivo de demonstrar a vinculação/apropriação da obra literária a uma narrativa da conquista que permeou discursos sobre projetos e projeções estatais na Amazônia a partir do século XX, especificamente no que tange a repercussão da analogia à entrada em uma terra prometida, que se concretizava com o advento da Transamazônica.

Ao demandar esse objetivo, interessa entender a inserção dos discursos envoltos na construção e colonização da Transamazônica num conjunto de ideias predominantes que conversam estreitamente com as reflexões do texto literário. Conforme essa perspectiva, propõe-se fazer uma análise de *A Transa-Amazônica*, buscando desvelar leituras presentes no cenário sócio-histórico e reverberadas (ou não) na obra literária, dado que “[...] os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os” (Benjamin, 2009, p. 502).

Nesse sentido, além de uma leitura analítica da obra literária, realizou-se um estudo – a partir de fontes bibliográficas e documentais – sobre o cenário histórico da construção e colonização da rodovia Transamazônica. Além disso, foi salutar se apropriar de outras fontes que excedem a temporalidade da obra ora estudada, mas que, seguindo os “resíduos”, seriam importantes para o cotejo.

A discussão ocorre em três momentos que, ainda que brevemente, conseguem evidenciar a importância de destacar a literatura nas discussões sobre a construção da rodovia. Primeiramente será contextualizada a analogia histórica – em que, consoante à analogia ao mito bíblico, a Amazônia seria uma terra prometida, um vale da promessa – que encontra peculiar contorno com advento da Transamazônica; em sequência, apresenta-se análise sobre a obra em recorte, com o intuito de alcançar o objetivo traçado; por último, destacam-se as considerações finais.

## **1 A conquista da Amazônia no século XX: a entrada na terra prometida**

A Amazônia brasileira, com seus adjetivos e metáforas, suscitou, ao longo dos séculos, discussões que permearam/permeiam o imaginário local, nacional e global. São um conjunto de ideias que repercutem as tentativas de conquista do ser humano e têm sua justificativa em um fim, o avançar das fronteiras da (suposta) “civilização”. Essas ideias têm raízes profundas que ajudaram a construir, em cada momento, a história do conquistador e seu interesse em desbravar o desconhecido, e, com isso, criaram símbolos e reflexões que penetraram o terreno literário.

Como assevera Neide Gondim (1994), a Amazônia (não foi descoberta) foi inventada, e, para essa invenção, utilizou-se não uma realidade posta, mas uma mentalidade europeia hegemônica que orientou a propagação de um discurso preponderante sobre a região. Logo, falar da conquista (territorial), no caso em tela, da conquista da Amazônia brasileira no século XX, é requerer uma série de ideias e discursos constituídos, ou mesmo, herdados dos

conquistadores do “Novo Mundo” que podem ser considerados base pertinente para vislumbrar a conquista na contemporaneidade.

Desse modo, neste texto, para o cotejo com a obra literária em análise, importa expor uma das principais simbologias que perfazem essa reflexão, que serviu de justificativa às incursões rumo a novos territórios no passado (e fez parte dos discursos de conquista da Amazônia), qual seja, a ideia de um vale da promessa, de um lugar melhor para viver que o Senhor reservara em alguma localidade na Terra.

Nos termos de Tzvetan Todorov (2019), observa-se que essa ideia esteve presente no imaginário da conquista desde os primórdios da suposta “descoberta” e orientou o conquistador da América, uma vez que a crença mais surpreendente de Colombo era de “origem cristã: refere-se ao Paraíso terrestre. Ele leu no *Imago mundi* de Pierre d'Ailly que o Paraíso terrestre devia estar localizado numa região temperada além do equador” (Todorov, 2019, p. 21).

Isso também aparece no relato da conquista de Pero Vaz Caminha, na famosa frase utilizada, inclusive, contemporaneamente, para adjetivar a fertilidade de uma dada região, terra ou espaço: “E em tal maneira é graciosa que, **querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo**, por bem das águas que tem” (Caminha, 1981, p. 88, grifo nosso).

Assim, a ideia da terra boa e vasta, mas também rica, além de ser uma premissa de que se fundamenta nas riquezas as quais foram, paulatinamente, exploradas na região amazônica (somado aos minérios, corresponde às fontes naturais, a repercussão da exploração da borracha em fins do século XIX e primeira metade do século XX), é uma justificativa inerente ao imaginário da sua Conquista.

Para Isabel Cristina Guillen (1999), por exemplo, essa é uma descrição fundamental – a da terra prometida –, para a compreensão dos discursos contemporâneos acerca da Amazônia, pois comumente e historicamente à Amazônia foi atribuída essa alcunha, como não ocorreu semelhantemente com nenhuma região brasileira.

Já a socióloga Violeta Loureiro (2015) entende que, tendo como referência o texto bíblico, o mito da terra prometida é uma das mais fortes utopias dos colonos na Amazônia. Muitos deles, que saíram do Nordeste brasileiro, em busca de terra na Amazônia, identificam-se com aqueles que saíram com Moisés em busca da terra prometida, visto que “eles têm vivido [...] como oprimidos e explorados, mas que assim como aqueles, eles têm a possibilidade de buscar terras cada vez mais distantes até finalmente encontrarem o lugar da fartura, onde correm o leite e o mel” (Loureiro, 2015, p. 95).

Portanto, a analogia da Amazônia como um Paraíso terreal ou uma terra prometida é menção recorrente e uma saga secular na sua história, sempre imiscuída em discursos que visam justificar a exploração e a expropriação – da terra, do direito à terra pelos povos originários e de tudo o que essa terra oferece – e que ganha peculiar contorno nos discursos e narrativas com a emergência do século XX (em que se insere os discursos de conquista sobre a Transamazônica).

É o que se vê, por exemplo, nos postulados dos escritores Euclides da Cunha e Alberto Rangel, sempre citados nas discussões que tematizam a ideia da conquista da Amazônia. Ao refletir sobre isso, Guillen (1999) entende que eles são peças fundamentais no imaginário social construído sobre a região no século XX e referência para pensar a Amazônia para quem a isso tenha se dedicado.

Sobre Euclides da Cunha, uma das principais contribuições para essa discussão, encontra-se no livro publicado em 1909, *À Margem da História*, em que, igualmente, ao pensar a conquista da região, dentre outras reflexões, requer uma mensagem profética nos termos de um verdadeiro vale da promessa, como se vê: “O triunfo virá ao fim de trabalhos incalculáveis, em futuro remotíssimo, ao arrancarem-se os derradeiros véus da paragem maravilhosa [...]” (Cunha, 2008, p. 22).

Na batalha para a conquista da Amazônia, Cunha (2008) entende que há a possibilidade de vitória, mas que essa não viria em futuro próximo, tampouco sem incalculáveis trabalhos e lutas diárias. Com um tom profético, bíblico, do por vir, convém apontar que o escritor requer o imaginário de uma terra maravilhosa, cheia de segredos e riquezas, planejada por uma missão divina, mas que não seria conquistada brevemente, pois “a definição dos últimos aspectos da Amazônia será o fecho de toda a História Natural...” (Cunha, 2008, p. 23).

No mesmo sentido, na famosa obra literária do escritor pernambucano Alberto Rangel, *Inferno Verde*, observa-se essa visão profética sobre a região amazônica: “[...] **sou a terra prometida** às raças superiores, tonificadoras, vigorosas, dotadas de firmeza, inteligência e providas de dinheiro; e que, um dia, virão assentar no meu seio a definitiva obra da civilização [...]” (Rangel, 2008, p. 163, grifo nosso). Assim, se por um lado tem-se uma natureza/floresta imponente, temida, implacável, um inferno verde, por outro apresenta-se uma terra prometida, região rica e fértil que espera a entrada do povo predestinado.

É justamente o que também passa a ser explorado e apropriado nos discursos envoltos em projetos e projeções estatais voltadas à Amazônia ao longo do século XX, a exemplo da construção da rodovia Transamazônica. Isso porque, como já advertia Euclides da Cunha na

década de 1900, para a entrada e posse do vale da promessa: “a intervenção urgentíssima do Governo Federal impõe-se como dever elementaríssimo de aviventar e reunir tantos esforços parcelados” (Cunha, 2006, p. 97).

Ao seguir os “rastros” da história, dentre as inferências e as alusões feitas a uma posse do vale da promessa amazônica, é oportuno destacar o movimento realizado na era Vargas (1930–1945). Em sintonia com a socióloga Maria Liège Freitas Ferreira (2011), tornava-se relevante avisar ao mundo que o país tinha clareza da importância da região para o cenário e internacional e da sua posição geopolítica no cenário de disputas que antecederiam a Segunda Guerra Mundial (1939–1945).

Na esteira dessas questões, buscou-se construir e reconfigurar o discurso sobre a Amazônia, tendo como principal ação o programa “Marcha para o Oeste”, lançado em 1938. Um destaque no âmbito desse programa, é o discurso de Vargas que ficou conhecido como “Discurso do Rio Amazonas”, proferido no dia 10 de outubro de 1940, na cidade de Manaus/Amazonas.

Observa-se, na totalidade da palestra, um tom religioso e utópico para a missão na Amazônia, o que, inclusive, é referido diretamente em alguns trechos do discurso, como: “O empolgante movimento de reconstrução nacional consubstanciado no advento do regime de 10 de Novembro [sic] não podia esquecer-vos, porque sois a terra do futuro, o vale da promessa na vida do Brasil de amanhã” (Vargas, 1942, p. 260).

A Amazônia é elevada a um vale da promessa, cuja posse configurava-se na maior tarefa do “homem civilizado” no século XX. Para tanto, seria necessário “conquistar e dominar os vales das grandes torrentes equatoriais, transformando a sua fôrça [sic] cega e a sua fertilidade extraordinária em energia disciplinada” (Vargas, 1942, p. 261), ou seja, uma característica da terra que mana leite e mel.

É o que se observa também em outra iniciativa estatal na Amazônia brasileira, a construção, anos depois, da rodovia Belém-Brasília, no período da gestão do Presidente Juscelino Kubitschek (1956–1961), em que muitos dos símbolos do programa protagonizado por Getúlio Vargas são requeridos e, novamente, tem-se uma ofensiva para conquista da terra prometida, a Amazônia.

Isso pode ser visualizado em uma das mais ilustrativas ocorrências encontradas ao longo desta pesquisa acerca do imaginário da conquista da Amazônia no século XX, sendo a visão explorada pela revista *Manchete* na edição de 31 de janeiro de 1959, em que destina atenção especial à Belém-Brasília.

Com uma reportagem dividida em 9 páginas, do repórter Aluizio Flores, a revista anuncia logo no título – “MANCHETE assiste à conquista da Amazônia” (Flores, 1959, p. 48) – que, com a construção da estrada, Belém-Brasília, concretizava-se a conquista do vale da promessa amazônica. Fato este que, segundo a reportagem, adiantavam em muito as previsões dos sábios e oportunizava a criação de “uma civilização nova, destinada a ser uma das primeiras do mundo” (Flores, 1959, p. 49). Assim, se Alberto Rangel indagava que só raças superiores poderiam superar o inferno e conquistar o Paraíso, Juscelino Kubitschek liderava a arrancada para superação da natureza e suas lendas.

Narrativa que permanece nas décadas seguintes e ganha novos desdobramentos com o advento da ditadura civil-militar em 1964. Após a conclusão da Belém-Brasília, a utopia do vale da promessa amazônica parece retornar e a retórica da conquista persiste no cenário nacional.

É com essa motivação discursiva que, no ano de 1969, Eliseu Resende, então Diretor Geral do Departamento de Estradas de Rodagem (DNER) do Ministério dos Transportes, anunciava a intenção da ditadura de construir uma grande rodovia que atravessaria transversalmente a Amazônia<sup>4</sup>, a qual seria nomeada de Transamazônica.

A rodovia, segundo a projeção feita por Eliseu Resende, não seria construída de imediato por falta de recursos, o que não impediu que, no ano seguinte, o então Presidente da República, general Emílio Garrastazu Médici, anunciasse oficialmente a construção da estrada. Consoante às fontes históricas, a decisão de pôr em prática intempestivamente e sem uma projeção estruturada teria se precipitado após a viagem do general-presidente ao Nordeste brasileiro que, naquele ano, sofria novamente com a seca e com várias famílias em situação de miséria.

É durante essa viagem que ocorreu o discurso histórico proclamado pelo general-presidente Médici, em 6 de junho de 1970, na cidade de Recife-PE, em que discorria sobre a situação que a seca deixara na região naquele ano e anunciava a população um novo tempo, consoante o trecho a seguir:

Agradeço a Deus a inspiração de fazer esta viagem de emergência [...]

---

<sup>4</sup> Ver: RESENDE, Eliseu. O papel da Rodovia no desenvolvimento da Amazônia. *Jornal do Brasil*: Revista Econômica do JB. Rio de Janeiro, 28 de março de 1969, p. 73. Acervo Biblioteca Nacional Digital do Brasil, Hemeroteca Digital. 1891-1999. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_08/131408](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/131408). Acesso em: 26. jan. 2021.

Ao fim dessa viagem de que retorno ainda mais determinado a cumprir a minha missão, quero dizer ao povo do Nordeste que não lhe prometo nada [...]. Só digo que tudo isso tem de começar a mudar. [...]

E hoje, nesta cidade do Recife, perante governadores e Ministros, pensando no povo, particularmente no povo nordestino, quero dizer que não me sinto com poderes e dons para fazer milagres, mas tenho firmeza, confiança e decisão para proclamar à nação inteira que, com a ajuda de todos os brasileiros e com a ajuda de Deus, o Nordeste afinal haverá de mudar (Médici, 1973, p. 71-77).

Observa-se que na sua exposição, Médici apresenta-se como uma espécie de libertador do povo nordestino, apelando para um tom religioso, profético e, ao falar em primeira pessoa, autoproclama-se o mediador de uma missão divina de propiciar um novo destino para um povo historicamente escravo da seca.

Nesse contexto, percebe-se a intenção discursiva de anunciar um lugar melhor para aqueles que pereciam na seca de 1970 e finaliza deixando claro que a mudança viria com a ajuda de todos e de Deus, pois o Senhor o ajudaria a guiar o povo nordestino: de fato, além dele (em quem concentra heroica e triunfalmente todas as motivações e decisões), só Deus tem mais poder para operar um milagre.

Meses mais tarde, no estado do Amazonas, o general-presidente volta a discursar, já com a informação da construção da rodovia disseminada nos principais veículos de comunicação do país. O discurso aconteceu durante a Reunião Extraordinária da SUDAM de 8 de outubro de 1970, em que o tom religioso e profético é novamente requerido.

Veza por outra quase sempre vindas do estrangeiro, debatem-se as idéias de planos milagrosos para o despertar da Amazônia que, se nem sempre se mostram válidos, viáveis e coerentes, ao menos dizem do interesse estrangeiro sobre **a terra prometida** e nos acedem o brio nacional (Machado, 1970, p. 4, grifo nosso).

Nesse trecho do discurso presente na reportagem do jornalista Luiz Toledo Machado do jornal *Folha de São Paulo*, Médici indaga diretamente os termos proferidos por ele em junho na cidade de Recife, reforçando uma imagem a ser disseminada com a construção da rodovia nos veículos de comunicação e, conseqüentemente, no imaginário nacional das demais regiões brasileiras, a ideia da Amazônia enquanto uma terra prometida.

Analogamente ao primeiro discurso proferido em Recife, Médici aparece como um profeta, anunciando o primeiro passo para a conquista da Amazônia, e, mais uma vez, traz os nordestinos, o povo oprimido da seca, como os escolhidos para missão de povoar a terra e garantir a posse do vale amazônico por brasileiros, igual ao mito bíblico. Para ir mais longe na analogia, Médici, assim como Josué, completaria a missão da conquista da terra prometida, não

alcançada por seus antecessores, no caso bíblico, Arão e Moisés, e nas empreitadas estatais na Amazônia, Vargas e Kubitschek.

Esses discursos do general-presidente ganhavam também peculiar contorno, com a emergência de um grande movimento de propaganda em torno da rodovia. Com o protagonismo dos jornais e revista de circulação nacional, igualmente repercutia-se a Transamazônica como caminho para a conquista do vale da promessa amazônica.

Um exemplo ilustrativo disso está presente na edição 110 da revista *Veja* – de 14 de outubro de 1970 – dedicada à Amazônia, intitulada “A Década da Amazônia”, que ao se referir à construção da Transamazônica, traz exatamente esse tom profético utilizado pelo general-presidente em seus discursos, como se algo estivesse sendo consumado com o advento da grande estrada: “Alguma coisa grandiosa, entre o temerário e o inevitável, foi apressada definitivamente” (Pereira, 1970, p. 54).

Seguindo o mesmo parâmetro, a revista *O Cruzeiro* na reportagem presente na edição do dia 29 de outubro de 1971, eleva a Transamazônica a maior feito da raça humana: “Nenhum outro feito de nossa raça (fusão de tantas), incluindo Brasília e trocados, pode chegar perto dessa navalhada que corta o tórax da Amazônia” (Lemos, 1971, p. 118).

No mesmo sentido, nas páginas do jornal *Folha de São Paulo*, pode-se observar uma narrativa análoga, em que a construção da rodovia seria o início de um novo tempo, com a entrada no vale da promessa, conforme se vê na reportagem – *Na Amazônia, Médici viu muito entusiasmo* –, de 29 de setembro 1972: “A ocupação física da área, o trabalho constante com a terra e o início de uma nova civilização puderam ser testemunhados nesse curto espaço de tempo [...]” (Lima, 1972, p. 3).

São com essas reflexões em jogo, que se requer a seguir a discussão da obra literária *A Transa-Amazônica* da escritora Odette de Barros Mott (1973), sobretudo tendo em vista demonstrar adesão e propagação no enredo da obra literária a essa retórica que almejou, a partir de discursos, elevar a região a uma verdadeira terra prometida.

## 2 Odette Mott e a Transamazônica

No ano de 1972, em meio à ampla repercussão da construção da Transamazônica, a renomada escritora de romances infanto-juvenis, a paulista Odette de Barros Mott, ao resolver ambientar umas de suas obras acerca dos desdobramentos da grande rodovia, decide ir à Amazônia, pois, segundo ela, seria necessário que a escrita do seu livro fosse baseada na “realidade” e não somente na “imaginação”.

Após realizar essa viagem, a escritora publica, no ano subsequente, *A Transamazônica*, uma importante contribuição para analisar a adesão (e propagação) da literatura aos termos de uma retórica da conquista da Amazônia, mormente acerca da ideia do vale da promessa amazônica. Além de uma emocionante história que conduz o leitor por cenários do processo de construção e colonização da Transamazônica, Mott deixa suas impressões sobre a rodovia numa espécie de relato autobiográfico (posfácio).

Dito isso, peço a devida aquiescência para antes de fazer algumas inferências pertinentes acerca do enredo da sua obra, pontuar brevemente o seu relato autobiográfico, já que este registro assume peculiar importância nos termos desta discussão.

Assim, no que concerne a esse relato denominado “COMO NASCE A IDÉIA DE UM LIVRO”, presente no que chamo de primeira versão da obra de Mott (edições de 1973 a 1978), que é quase uma história a parte, distribuída em 16 páginas, pode-se dizer que a escritora demonstra a sua perspectiva sobre estrada que, mais que positiva, tem em vista demarcar (em conjunto com enredo da obra) uma nova posição estética ao imaginário concernente a corrida para a exploração e posse da Amazônia brasileira, a partir da elevação da Transamazônica a um verdadeira terra da promessa.

Mott inicia o relato contando que esteve na Transamazônica para realizar um trabalho de campo, já que não podia escrever seu livro com informações que também não fossem balizadas nas suas próprias observações, “[...] não podia ser escrito na base da imaginação e sim da realidade, e, para fazê-lo, precisaria ver de perto as agrovilas situadas na Transamazônica, conversar com seus moradores ou nada feito” (Mott, 1973, p. 116).

Narra desde a sua viagem, chegada e estadia na Transamazônica, além da descrição de pessoas, lugares, infraestrutura oferecida aos colonos, plantações, tudo isso com muita euforia em relação aos resultados do que via. Como não se pretende analisar os pormenores deste texto, cita-se alguns dos principais pontos que corroboram com a proposta aqui defendida.

Assim como os discursos, propaganda oficial, jornais e revistas que se remetiam ao empreendimento, consoante indagado anteriormente, Mott se vale de adjetivos positivos, hipérbolos e metáforas para emitir ao leitor sua experiência com os colonos migrantes e suas plantações: “Vocês podem calcular minha alegria e surpresa ao ver no meio da floresta aquelas plantações verdejantes, a colheita prometendo ser farta!” (Mott, 1973, p. 119).

A escritora paulista brada uma nova perspectiva na Amazônia, finalmente a floresta é superada e ocorre a “ocupação” da região. Os migrantes vindos das várias partes do país iniciavam a posse da “terra prometida” que as gerações futuras iriam desfrutar, uma realidade

por muito tempo perseguida se consolidava com a abertura da grande estrada, a Transamazônica: “Vão criar raízes, pensei, firmes e fundas e quando os netos chegarem esta será a terra deles, a terra da promessa!” (Mott, 1973, p. 119).

Para enfatizar os sentimentos extremamente positivos em relação a sua experiência, Mott fala de um retorno futuro (que de fato não ocorreu), para ver a concretização da esperança dos colonos: “Um dia voltarei, quero vê-la de começo a fim, de oeste a leste! Cortando a selva, bordejada pelo canal verdejante. A cana é tão linda quando adolescente! Voltarei” (Mott, 1973, p. 128).

Sobre este futuro, para a escritora, não restava dúvida, a Transamazônica seria mesmo o início de uma nova “civilização”, um lugar farto e de prosperidade para famílias de vários lugares do Brasil que acreditaram no projeto federal: “Era o que acontecia ali na minha Transamazônica, cada um dando de si na construção de um novo mundo” (Mott, 1973, p. 130).

Com esses sentimentos, Mott reivindica um tom quase profético e anuncia no final do seu relato que, com a conquista e posse da Amazônia, as desigualdades deixariam de existir num futuro próximo, o ser humano não viveria em miséria no vale da promessa: “Mas, um dia, eu sei, ela deixará de existir, não haverá mais miséria, pelo menos na Transamazônica, onde o brasileiro começa a ser homem! A ter uma vida mais digna” (Mott, 1973, p. 130).

A escritora narra que volta para casa, com muito mais do que o dever cumprido por ter conhecido na agrovila Boa Esperança, os personagens que inspirariam a história de sua obra (*A Transa-Amazônica*), pois havia constatado que a Transamazônica realmente parecia uma terra de prosperidade, união, paz e felicidade para os agricultores que labutavam diariamente as suas margens. Transmitindo muita emoção, a escritora finaliza: “Tanto eu me sentia bem e feliz lá. Ouvi dizer que para o homem feliz não há tempo! Foi o que aconteceu comigo!” (Mott, 1973, p. 130).

Como se percebe nos trechos expostos, esse relato de Odette Mott torna-se salutar, na medida em que é o único feito (conhecido) por aqueles que escreveram em páginas literárias sobre a Transamazônica na primeira metade da década de 1970 e também por evidenciar o clima de euforia da própria escritora, em que os elementos presentes no imaginário nacional acerca da conquista, como a repercussão de um vale da promessa amazônico, mormente, faziam parte dos seus sentimentos com relação ao empreendimento.

Ao analisá-los, pode-se antecipar também a dinâmica exposta no enredo da sua obra. Portanto, sem o objetivo de se alongar, como já dito, segue algumas inferências pertinentes acerca dele, com ênfase nas estratégias e escolhas narrativas utilizadas, que conduzem o leitor

ao triunfo da posse da terra boa e farta – a terra prometida, aludido em páginas literárias por Alberto Rangel e Euclides da Cunha.

### **3. Odette Mott, *A Transa-Amazônica* e a entrada no vale da promessa**

Assim sendo, de forma resumida, o enredo de *A Transa-Amazônica* conta a história do agricultor Isório e sua família (filhos Lindauro, Lindauro, Neco, Tônio, Rialva, esposa Sá Tuda) e amigos (Família de Seu João, com protagonismo de Zezé e Arivaldo), que saem do Nordeste brasileiro rumo a uma vida melhor na Transamazônica no início da década de 1970.

Um primeiro ponto de observação importante, ao se realizar a leitura analítica, são os momentos distintos que estruturam o enredo. Na soma deles, garante-se a percepção de uma transição dos personagens que saem da semiescravidão, passando pelo sonho que antecede a entrada na terra que lhes foi “prometida”, até o recomeço com dignidade e esperança às margens da Transamazônica. Em suma, tem-se um cenário de miséria, que evolui para uma utopia de uma vida melhor em um lugar melhor, que culmina com a esperança e com a concretização do viver com dignidade (miséria – utopia – esperança).

Assim, inicialmente, a miséria em que vivem os personagens é explorada deliberadamente, como forma de marcá-la como ocorrência relevante na construção narrativa. O leitor é levado a uma reflexão sobre a situação de extrema pobreza do Agricultor Isório e família no estado de Sergipe, às margens do Rio São Francisco.

Logo na primeira página, chama-se atenção para “a apresentação do herói”, em que o agricultor é caracterizado como um indivíduo preso a miséria. Não tem documentos, carteira de identidade, carteira profissional, até mesmo o sobrenome e data de nascimento são incertas; os bens, que se morresse deixaria, seriam apenas um calção esfarrapado, uma enxada, duas cuias, os filhos, a mulher e uma facoa. Trabalha para sobreviver com sua família (e mal) como meeiro na plantação de arroz da fazenda do seu compadre Juvêncio:

[...] O patrão fornece charco, lama podre e visguenta, direito de Isório erguer num elevado seco, lá conhecido como “carrasco”, seu tapiri, onde se abriga com a mulher e seis dos quinze filhos que tiveram, dos quais nove se foram desta para melhor. Isório tem permissão, por bondade do patrão, assim diz ele, de por detrás da casa, num barranco do rio, 8 m X 20 m, plantar sua mandioca, se o rio for manso e não inundar tudo como em certos anos de grandes chuvas, colher e depois transformar em farinha. Ainda mais: pescar à noite depois de doze horas de labuta e seus filhos catarem caranguejos e pitus para isso já são treinados e têm dedos grossos de cutucar a lama onde os caranguejos moram (Mott, 1973, p. 9).

Essa situação ganha contornos ainda mais dramáticos através da apresentação dos seus filhos. Lindauro e Rialva, os mais velhos, trabalham gratuitamente na casa do patrão Juvêncio (por serem afilhados do patrão, devem obrigação ao padrinho); os gêmeos Neco e Rosa, ainda que crianças, tem que auxiliar o pai no trabalho diário; Tônio, o penúltimo, vive enfermo, e Isório imagina que possa acontecer com ele, o mesmo dos seus outros oito filhos, que como fala: “já são anjinhos no céu”.

O agricultor convive com uma dívida interminável, já que toda a safra de um ano dá mal para pagar a despesa do armazém deixada do ano anterior e, além do sonho de comer uma lasca de carne de sol que nunca se torna realidade, mal consegue garantir uma refeição diária para sua família, pois, conforme repetido no enredo a “fome ronda a casa” de Isório. Desta forma, a miséria de Isório vem como uma herança: “Isório, desde que se lembra, sempre viveu essa vida do arrozal, até lhe parece que são a mesma coisa, ele, o arrozal, no mesmo destino” (Mott, 1979, p. 15).

Não há planos para superar a situação presente, mas somente de viver e esperar que seus filhos e esposa sobrevivam mais um dia, é a forma sobre a qual o enredo tem em vista marcar a vida do agricultor e sua família neste primeiro momento. A narrativa aproxima a situação de miséria, com a de inúmeras famílias nordestinas, que com o anúncio da construção e colonização da Transamazônica, partiram rumo à Amazônia, em busca de uma situação melhor. E, com isso, dá também o primeiro passo no enredo rumo a criação de uma atmosfera análoga aos discursos que metamorfoseavam a Transamazônica como terra da promessa.

Nessa perspectiva, tem-se um povo em situação de miséria, à espera do salvador que os guiaria em direção à conquista da terra prometida, consoante ao que remete o (já citado) discurso do general-presidente Médici sobre a seca nordestina, dias antes do anúncio da construção da rodovia, em que enfatizava: “nada em toda minha vida, me chocou assim e tanto me fez emocionar e desafiar minha vontade. [...] Não, não me conformo. Isso não pode continuar” (Médici, 1973, p. 72).

Após esse primeiro momento, muito marcado pela experiência da miséria e da resignação, a narrativa muda de curso na medida em que adentra para um segundo momento e foca em Lindauro, filho mais velho do agricultor, que vai pela primeira vez à cidade, Parapitinga (a pedido de Juvêncio), e passa a ter a real noção da situação na qual ele e sua família se encontram, dado que “[...] agora, sacudido as estruturas, desde que fora a cidade, tudo que vira e ouvira toma corpo e forma em sua cabeça jovem. É preciso romper as amarras e largar, rio abaixo, acompanhar as águas, longe, bem longe dali” (Mott, 1973, p. 53).

O jovem percebe que há outros horizontes, que é possível viver com dignidade e que querer isso não é proibido, como parecia a vida da sua família como meeira na fazenda do padrinho Juvêncio. Seus novos amigos da cidade, Zezé e Arivaldo (filhos de seu João), também o ajudam a compreender a exploração a que sua família está submetida e passam a sonhar juntos sobre novas perspectivas para suas vidas.

Ao ir outras vezes à cidade, aproveitando os mandados do padrinho, surge, na narrativa, a retórica da Transamazônica. Reunidos na casa de Seu João, Lindauro e seus novos amigos escutam o personagem “Seu Bento”, que traz a notícia de que o governo estaria dando terras: “— ‘O governo está dando terras!’ [...] — Verdade, sim; todo mundo lá ‘pra riba’ fala de uma tal Transamazônica. — Coisa do Governo? — Sim, uma estradona, baita mesmo, de se ver” (Mott, 1979, p. 65).

Um misto de sentimentos toma conta dos personagens: espanto, surpresa, desconfiança, que, gradualmente, conforme os diversos questionamentos vão sendo feitos, transformam-se em expectativa de saber mais detalhes sobre essa estradona e da bondade do governo em “dá terras para quem não tem”.

Inicia-se, dessa forma, para o protagonista, o sonho da Transamazônica, a perspectiva de migrar para terras boas e fartas às margens da rodovia. A partir de então, há a criação de uma mensagem utópica acerca da migração para estrada, como um lugar fantástico oferecido pelo governo para a edificação de uma vida melhor. Nesse movimento, potencializa-se, como recurso, a analogia ao imaginário de uma “terra prometida”, semelhante à conversa dos amigos Arivaldo e Lindauro: “— E as terras? – As terras existem, sim, e das boas. Boa para tudo, disseram que **‘é formosa e boa e tudo se plantado dá’**, foi essa a informação” (Mott, 1973, p. 79, grifo nosso).

No trecho, além de requerer o sentido de fertilidade e exuberância que caracteriza a ideia arrolada no mito bíblico da terra prometida, intensifica-se a mensagem através do recurso da intertextualidade à *carta de Pero Vaz de Caminha* ao Rei de Portugal Dom Manuel, em 1.500, em que o escrivão português Pero Vaz Caminha buscava expressar a fertilidade, a exuberância e as riquezas das terras ora “descobertas”, como descrito anteriormente (“querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo”).

Cabe destacar e reiterar que a fertilidade dos solos/terra, que se desdobra e se insere na ideia da Amazônia como uma terra de fartura, “onde correm o leite e o mel”, foi uma ideia que historicamente permeou o imaginário sobre a região, igualmente mencionado em Violeta Loureiro (2015). Esta considera que o movimento migratório se dá de forma análoga ao mito

da terra prometida, já que os colonos nordestinos em suas migrações para a Amazônia “se identificam com aqueles que saíram com Moisés pelo deserto em busca da terra prometida” (Loureiro, 2015, p. 95).

Assim sendo, no enredo da obra literária, com o sonho de entrar na terra que parece que lhes foi prometida, Lindauro e os novos amigos vivem em clima de alegria e plenitude antes mesmo de sair do Nordeste brasileiro. Falar da estrada passa a ser um momento solene, especial e que exigia muita atenção, como se um profeta estivesse a contar sobre o pedaço de terra conquistado no vale da promessa:

— Agora, enquanto a cabeça funciona, vamos falar sobre nossa estradona! O Zezé veio, esteve lá com o Bento, visitou a sala onde trabalha o pessoal do INCRA. Lá que ele deu nosso nome, disse que viu umas fotos da cidade de Altamira, no Estado do Pará.

Lindauro ouvia tudo como quem assiste a **um ato religioso: com fé, amor e esperança** (Mott, 1973, p. 84–85, grifo nosso).

Esperança, fé, amor, eram, portanto, termos que podiam resumir esse segundo momento dos personagens na trama. Além das vantagens que ganhariam ao migrar, como casa, salário por seis meses, lotes, assistência social, entre outros que aparecem nas suas conversas, a narrativa constrói a imagem de algo divino a que os personagens reverenciam, como se Senhor tivesse ouvido o clamor de Lindauro e seus amigos sobre o sofrimento das suas famílias e lhes ofertado a propriedade da terra que necessitavam e sonhavam, ou seja, a proposta do governo era semelhante à aliança de Deus com o povo de Israel: “Da boca de Arivaldo pareciam sair as espigas douradas, os cachos de arroz, a macaxeira. Eles viam tudo isso através das palavras do moço e da esperança de dias melhores que traziam no peito” (Mott, 1973, p. 85).

Após os relatos de sofrimento e posterior sonho da conquista da terra, os personagens finalmente partem para a Transamazônica em busca de chegar no lugar tão almejado, de realizar o encontro com a “terra prometida pelo governo”, na expectativa de encontrar casa, estudo, dinheiro e plantar e colher no que é seu: “o avião corre a pista, trepada, ronca, zune e sobe. [...] Já a cidade, o casario, o rio, tudo fica para trás. Tudo! E o avião penetra nas nuvens, sai delas, enquanto lá embaixo a mata é um mundo verde, misterioso, impenetrável” (Mott, 1973, p. 103).

Na chegada das famílias à Transamazônica, o narrador onisciente, mais uma vez, visa marcar nos pensamentos dos personagens, o ar de divindade, pois, assim como o trecho bíblico indaga a construção de outra vida no vale da promessa, as famílias amigas constatarem que algo misterioso e único na história nacional, acontecia na Amazônia brasileira: “olham-se e não podem falar, estão comovidos demais. A floresta com imensas árvores impõe-lhes respeito, eles

compreendem que estão no início de algo grandioso e ficam confortados ao mesmo tempo. E serão participantes ativos!” (Mott, 1973, p. 104).

Com a chegada das famílias na Transamazônica e com a instalação na “agrovila Boa Esperança”, inicia-se o terceiro momento do enredo da obra literária: “que nome bonito, Zezé, até anima o coração da gente. — É mesmo pai: boa esperança é o que a gente tem, pois vir parar nesta lonjura não foi por pouca coisa não” (Mott, 1973, p. 106). A ansiedade, as especulações, a imaginação e o sonho se materializam em um momento de euforia, curiosidade e constatação das benesses na terra que lhes foi prometida.

Já devidamente instaladas em suas respectivas casas na Agrovila Boa Esperança e com seus lotes, as famílias (de Isório/Lindauro e Zezé/Arivaldo/Seu João) passam a trabalhar cheias de esperança: “trabalham juntos, irmanados pelo mesmo anseio de logo arrancarem da terra os frutos que ela traz guardados no seio” (Mott, 1973, p. 106).

O enredo detalha o cotidiano das famílias na agrovila e nos lotes, sempre exarando otimismo e evidenciando as suas conquistas. As jovens Rialva e Das Dores aprendem muita coisa nas aulas de artesanato e Mobral<sup>5</sup>, as crianças já matriculadas na escola, os homens na lida nos lotes e todos em comunhão com a vida social da Agrovila, pois “— É não, Isório, aqui na estradona todo mundo aprende [...]” (Mott, 1973, p. 113).

Nessa altura, tudo realmente parece dar certo nas terras prometidas pelo governo, as famílias finalmente encontram a redenção, a dignidade e, assim como a analogia citada anteriormente, elas saíram da semiescavidão para a posse de uma terra boa e farta às margens da Transamazônica, pois “[...] as primeiras colheitas, aos olhos atentos e maravilhados dos trabalhadores, prometem ser boas e fartas” (Mott, 1973, p. 113).

No final do enredo, o narrador onisciente chama a atenção para mais um ato simbólico à nova vida na Transamazônica, qual seja, o casamento entre os filhos de Isório (Lindauro) e Seu João (Das Dores). A união, o início de um ciclo e a aliança entre as famílias que vieram do Nordeste brasileiro é sacramentada na Transamazônica: “como esses seriam os primeiros casamentos na Agrovila Boa Esperança, haveria uma festa comum da Sede Social” (Mott, 1973, p. 114). E é com o diálogo entre recém-casados, Lindauro e Das Dores, que a narrativa finaliza, como uma demarcação do terceiro momento de esperança, que a Transamazônica era a materialização de uma verdadeira terra da promessa:

---

<sup>5</sup> Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), criado em 1967, durante a Ditadura Civil-Militar. O objetivo apresentado era erradicar as altas taxas de analfabetismo no Brasil.

— Que coisa, Das Dores, lá a gente vivia quase como bicho na mata, escondido na toca, mãe só conversava com pai, e agora até ensinar a fazer esteira ela vai. Quando vejo o milho aí já secando, pronto para ser colhido, Das Dores, como a gente é feliz tendo o que é seu.

— Lindauro vem “comê”, a comida está no prato e esfria. (Mott, 1973, p. 114).

Se no primeiro momento da narrativa descreve-se a situação de miséria da família de Isório, com a fome a rondar sua casa e com o sonho de uma lasca de carne de sol bem distante, o enredo, na sua última frase, expõe a fartura, dado que antes a preocupação era conseguir algo para comer, e, agora, é deixar a comida esfriar. Portanto, um giro grande na vida das famílias às margens da Transamazônica. Completa-se o trajeto miséria – utopia – esperança com a entrada na terra que lhes foi prometida.

### Considerações finais

Em vista do objetivo de demonstrar a vinculação/apropriação da obra literária *A Transamazônica* a uma narrativa da conquista que permeou discursos sobre projetos e projeções estatais na Amazônia a partir do século XX – especificamente no que tange a repercussão da analogia à entrada em uma terra prometida, que se concretizava com o advento da Transamazônica –, cabe, aqui, tecer alguns comentários que ratificam a relevância da discussão.

Consoante a discussão realizada, não obstante o ponto de vista utópico exarado no enredo da obra literária acerca da rodovia, demonstrou-se que não se pode abandonar a relevância da reflexão requerida pela escritora Odette Mott. Isso porque, ao se seguir os “resíduos” da história, nos termos de Benjamin (2009), viu-se a importância de entender a obra literária no contexto de narrativas e discursos que excedem a temporalidade que ambienta, a primeira metade da década de 1970.

Há um diálogo deliberado na constituição do enredo que, além de somar a um movimento de propaganda em torno da rodovia, requer uma abordagem estética que oportuniza um significativo ângulo para reflexão no âmbito de uma produção literária sobre a Amazônia a partir do século XX. Se analogia a uma terra prometida é um dos elementos que permeiam uma narrativa de conquista da Amazônia, presentes em uma representação literária sobre a região, e que edificam os discursos de conquista em projetos estatais, é também questão basilar dessa obra literária.

Desse modo, aquilo que fora escrito em páginas literárias de Euclides da Cunha e Alberto Rangel, com reverberação em toda uma literatura sobre a Amazônia, é consumado, na abordagem estético-literária de Odette Mott, em que se apresenta a entrada no vale da promessa

amazônico. Ao estruturar o enredo na história da família do agricultor Isório e seus amigos, que transitam da miséria para esperança, o enredo se apropria e propaga a analogia da Transamazônica como uma “terra prometida”, a qual, simbolicamente, os personagens estavam tomando posse.

Isso ficou em evidência na exposição dos recursos narrativos utilizados pela escritora, tais como a estrutura da obra ou os momentos (bem) marcados no enredo, as analogias diretas à ideia de um vale da promessa (ou da terra prometida) por meio de expressões e frases que permeiam esse imaginário, e a análise do próprio relato autobiográfico que consta no final do seu livro.

Assim sendo, retomando os termos do objetivo deste texto, pode-se concluir que, por um lado, o enredo da obra literária associa-se a elementos concernentes a um discurso de conquista da Amazônia presente em projeções estatais na Amazônia brasileira ao longo do século XX. Por outro lado, que a partir dessa asserção postula-se uma continuação desse discurso, mas sob a ótica de uma nova leitura estética que a construção da Transamazônica propiciava, uma vez que o ser humano aparece cumprindo o legado histórico, a posse da terra, do vale da promessa amazônico, que, conforme predito em páginas literárias do início do século XX, só ocorreria quando o ser humano derrotasse o verde imponente.

Por fim, essa abordagem vem sendo uma perspectiva importante para reflexão do que vem sendo denominado “uma produção literária sobre a Transamazônica”. Um conjunto de obras, que tem como tema, tempo e espaço a construção e colonização da rodovia na década de 1970. Produção essa, que repercute questões distintas sobre o empreendimento – entusiasmos ou críticas, aplausos ou descrenças –, mas sem se distanciar de uma narrativa de conquista da Amazônia brasileira.

## Referências

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. TIEDEMANN, Rolf (ed. alemã); BOLLE, Willi; MATOS, Olgária Chaim Feres (org. brasileira). Trad. Irene Aron e Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG/Imprensa oficial de São Paulo, 2009.

BÍBLIA. Êxodo. Português. In: *BÍBLIA* – Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El Rey D. Manuel I*. Versão moderna de Rubem Braga, Ilustrações de Carybé. Rio de Janeiro: Record, 1981.

CARTA ao leitor. *Veja*, São Paulo: abril, n. 110, 14 de outubro de 1970. Acervo pessoal.

CUNHA, Euclides. *À margem da História*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

- CUNHA, Euclides. Preâmbulo. In: RANGEL, Alberto. *Inferno Verde* (cenas e cenários do Amazonas). Manaus: Valer, 2008. [1908]. p. 21-34.
- GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- FERREIRA, Maria Liège Freitas. *A construção do Eldorado amazônico no governo Vargas: a representação através da imagem (1940-1945)*. 2011. 230 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2011.
- FLORES, Aluizio. Belém-Brasília: Manchete assiste à conquista da Amazônia. *Manchete*. Rio de Janeiro: Bloch, n. 354, 31 de janeiro de 1959, p. 83-126. Acervo pessoal.
- GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *Errantes da selva*. 1999. 310 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas/São Paulo, 1999.
- LEMOS, Ubiratan. Chegou Km Mil. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro: Bloch, n. 43, 27 de outubro de 1971. p. 116-120. Acervo pessoal.
- LIMA, Haroldo. Na Amazônia, Médici viu muito entusiasmo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 de setembro de 1972, p. 3. Acervo Folha. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1971/10/01/2//4368243>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. *Estado, bandidos e heróis: utopia e luta na Amazônia*. Belém: Cultural Brasil, 2015.
- MACHADO, Luiz Toledo. A teoria do grande espaço nacional - VI. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 de dezembro de 1970, p. 4. Acervo Folha. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1970/12/20/2//4384166>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- MENEZES, Fernando Dominience. *Enunciados sobre o futuro: ditadura militar, Transamazônica e a construção do “Brasil grande”*. 2007. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília/UNB, Brasília, 2007.
- MÉDICI, Emílio Garrastazu. *A verdadeira paz*. Brasília: Departamento de Imprensa Nacional, 1973.
- MOTT, Odette de Barros. *A TRANSA-AMAZÔNICA*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- MOTT, Odette de Barros. Relato/Posfácio. COMO NASCE A IDÉIA DE UM LIVRO. In: MOTT, Odette de Barros. *A TRANSA-AMAZÔNICA*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973, p. 115-130.
- O NORTE amazônico: aqui vencemos a floresta. *Manchete* – Edição especial 1970, Rio de Janeiro: Bloch, outubro de 1970, p. 58-76. Acervo pessoal.
- PEREIRA, Raimundo Rodrigues. A última fronteira (Amazônia: do mito à descrença e à esperança). *Veja*, São Paulo: Abril, n.º 110, 14 de outubro de 1970. Acervo pessoal.
- RANGEL, Alberto. *Inferno Verde*. Organização: Tenório Telles. 6. Ed. Manaus: Editora Valer, 2008.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone Moisés. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

VARGAS, Getúlio. Discurso do rio Amazonas. *Revista Brasileira de Geografia*, v. 4, n. 2. p. 259-262, Abril-Junho de 1942. Disponível em:  
<https://www.rbg.ibge.gov.br/index.php/rbg/issue/view/26>. Acesso em: 05 dez. 2022.

*Recebido em 30 de junho de 2023*

*Aceito em 29 de abril de 2025*